Montluçon, França. 1348

Caía uma garoa sobre as carroças. O céu, branco triste, molhava gentilmente o prado. Ali perto, o rio Cher queria transbordar, mas os meninos ainda se aventuravam a trazer galhos, sacos de farinha e romãs para as tendas. Um urro se ouvia a cada escorregão no emaranhado de toras úmidas carinhosamente chamado de “ponte”.

O despenseiro do duque convocara ao menos cem plebeias para preparar a entrada e as iguarias do banquete. Seria talvez o último divertimento dos guerreiros antes da batalha, prognosticada pelos comandantes para alguns dias depois. Em áreas circulares rasas de 20 metros de diâmetro, escavadas às pressas, foi montada a cozinha ducal. As lonas de algodão importadas da Sicília cobriam cada seção da cozinha, protegendo da chuva os caldeirões e depósitos de carvão, massas, grãos, frutas, vegetais, carnes, sementes e licores.

Devido ao calor insuportável da cozinha, o despenseiro tomava fôlego fora das tendas a cada meia hora. Lá fora, esbofeteado pelo vento excepcionalmente poderoso daqueles fins de primavera, verificava tudo que lhe viesse à mente: os ilhós e rebites das lonas, os tijolos dos fornos, os anteparos das alabardas, o reservatório de água, os panos e roupas acumulados para as lavadeiras. Mas o que o despenseiro Arnaud mais gostava de fazer nos intervalos era fiscalizar. Fiscalizar os pobres moleques que todas as manhãs levavam mantimentos para o exército, atravessando de dois em dois o rio Cher, sob chuva se preciso fosse.

Como os pais não podiam abandonar a lavoura, aos pequenos cabia a tarefa de transportar os víveres até o arraial. Dois dias antes, um infeliz fora levado pela turbulenta enxurrada; o duque mandou

acrescentar mais uma tira de toras, agora de carvalho, paralela às toras que já havia, de faias apodrecidas. Mas em determinado ponto ainda era preciso pular, pois o encontro entre as toras era irregular.

Fato é que o incansável Arnaud tinha um gosto peculiar em ralhar, praguejar e desmerecer. Qualquer oportunidade de tomar ares de autoridade lhe era valiosa. As tralhas despencavam na água e seus gritos embaçados voavam.

ARNAUD. Cuidado... Cuidado com a caçarola! Segura, segura! Asno, não presta atenção?! Vou enforcar seu vira-lata se não me arrumar outra caçarola!

ARNAUD. Na cabeça! Bota o farnel na cabeça, seu imprestável... Vai deixar a água molhar o trigo, é?! Está pensando que isso aqui é bolinho da vovó, quanto mais molhado melhor? Balofo asmático!

ARNAUD. Agora eu quero deste tamanho, tamanho de banquete! Cada vez que deixar cair o frango eu quero outro maior!

Não obstante a energia de Arnaud, o exército de Bourbon não tinha por que se preocupar com provisões. Montluçon era um baronato vizinho ao castelo do duque e acessado facilmente pela velha, mas impressionante estrada romana local. O exército estava em casa e se a boa vontade dos camponeses não fosse satisfatória, um decreto os coagiria a colaborar com mantimentos.

Do outro lado do prado, uma realidade distinta. Os holandeses lançavam fogo nos pardieiros e recolhiam qualquer ferramenta ou fruta que os aldeões em fuga deixassem. Lá o rio já invadia a campina e o

lamaçal era geral. As colunas de fumaça eram varridas pelo vento e ocultavam os estandartes neerlandeses.

Havia mais de oito mil homens em Montluçon naquela manhã. Cerca de cinco mil por Bourbon, e o restante pela Holanda. Num primeiro momento, o plano do duque era outro –pretendia atacar as tropas de seu primo Herman nos charcos flamengos, o mais depressa possível. Mas o marechal d'Artois o convenceu a esperar.

As tropas do duque Jaques rondaram as margens do rio Allier por semanas, enquanto os adversários marchavam para La Marche, a oeste do condado de Bourbon. Dois terços do interior de La Marche foram saqueados; sua importante pecuária leiteira dizimada; o cultivo de tubérculos protelado para o próximo ano; e glebas inteiras do centeio semeado no outono anterior, pronto para a colheita, queimadas.

Algumas fortificações também foram cercadas, mas por pouco tempo. Tão logo soaram rumores da possível chegada de aliados do duque, os holandeses iniciaram projetos de fuga, em que insistiram até acabar encurralados em Montluçon.

Noutra ponta do arraial de Bourbon, uma aglomeração fazia tanto barulho quanto o despenseiro. Era a recepção de Guillaume de Genève, o sobrinho do duque Jaques. Embora fosse um rapaz reservado sob as vistas dos pais, ali, entre os veteranos de muitas campanhas e bordéis, se transformava num legítimo farrista. Guillaume acenou para seu escudeiro.

GUILLAUME DE GENÈVE. Onde está a prataria, François?

FRANÇOIS DE RAY. Não sei, Messire. Eles misturaram nossa carroça com as outras.

GUILLAUME DE GENÈVE. Mas e a flanela amarela? Com o brasão? Não tem como confundir!

FRANÇOIS DE RAY. Você mandou jogar fora, Messire Guillaume. Um vira-lata arrancou um pedaço e você mandou jogar fora.

GUILLAUME DE GENÈVE. Mandei? Não me lembro... E o saco de nozes que compramos, você trouxe?

FRANÇOIS DE RAY. Trouxe, mas os seus novos amigos já o encontraram.

GUILLAUME DE GENÈVE. Mas estava cheio agora pouco, quando eu fui cochilar!

FRANÇOIS DE RAY. Um cochilo de muitas horas.

GUILLAUME DE GENÈVE. Não demorou tanto assim! Eu pisquei e quando abri os olhos de novo já tinha acordado.

FRANÇOIS DE RAY. Enquanto você piscava também pegaram seu *chaperon* preto, sua adaga e seu anel.

GUILLAUME DE GENÈVE. Minha adaga com contornos de dragão? Que o ferreiro de meu pai me presenteou? Precisa acha-la, François!

FRANÇOIS DE RAY. Pensei que você ia se preocupar com o anel.

GUILLAUME DE GENÈVE. Ah, o anel... Mamãe tem uma centena sobrando.

FRANÇOIS DE RAY. E a promessa?

GUILLAUME DE GENÈVE. Que promessa?

FRANÇOIS DE RAY. De doar o anel para os franciscanos de Souvigny.

GUILLAUME DE GENÈVE. Ai, é verdade! Eu prometi pra ela... A centopeiazinha...

FRANÇOIS DE RAY. É assim que chama sua esposa?

GUILLAUME DE GENÈVE. Vai dizer que as sobrancelhas dela não parecem uma centopeia?!

FRANÇOIS DE RAY. E o que você irá doar no lugar, *Messire* Guillaume? Pecados?

GUILLAUME DE GENÈVE. Pecados?

FRANÇOIS DE RAY. Capitais.

Guillaume reduziu a voz a um sussurro amedrontado.

GUILLAUME DE GENÈVE. ....Você sabe?!

FRANÇOIS DE RAY. Todo mundo te viu com as damas de *Messire* de Montmirail ontem. Naquelas barracas onde armaram o chiqueiro.

O escudeiro François apontou o queixo longo e severo para uma área decadente uns cem metros a norte. Ali, um alambrado de ripas tortas delimitava o bordel nômade do exército de Bourbon. O desasseio era nítido em todos os sentidos: roupas retalhadas, cantis e canecos espalhados, líquidos fétidos escorrendo pelo barro, lonas untadas com lodo e vômito, pândegos gritando os piores chulismos, cães rodeando o fosso de gororoba velha e dejetos para em seguida passear pelas tendas.

Messire Guillaume estava ruborizado. Baixou a cabeça e, como de praxe, volveu um olhar irritado.

GUILLAUME DE GENÈVE. Não conte isso para o frade!

François se calou e sorriu com ternura. Divertia-se com a súbita seriedade de seu senhor, que ainda era em essência o menino brejeiro de poucos anos atrás. Os dois deixaram a tenda dos tecelões, onde a turba se protegia da garoa, e começaram a caminhar sem direção.

FRANÇOIS DE RAY. Não deveria ter tomado aquele vinho, *Messire* Guillaume.

GUILLAUME DE GENÈVE. Foram apenas uns golinhos, François. E meu pai me deixou tomar quantos eu quisesse, não foi?

FRANÇOIS DE RAY. Mas não deveria. Logo é o banquete e você já se envenenou. Vai vomitar na frente de seu tio?

Guillaume se virou para o escudeiro, mas a resposta espirituosa que estava planejando não lhe veio à língua tão depressa quanto queria.

GUILLAUME DE GENÈVE. Na frente dos... dos... dos holandeses, François! Onde está seu ânimo? Não ouviu *Messire* de Montmirail dizer que o vinho é a melhor prece antes das batalhas?

FRANÇOIS DE RAY. Tenho coisas mais importantes a ouvir do que filosofia de bêbado. E essas bebidas são preparadas às pressas, *Messire* Guillaume... Postas num barril sujo qualquer, por um ogro que acabou que coçar a bunda... Por um leproso, quem sabe?

GUILLAUME DE GENÈVE. Cruzes...

FRANÇOIS DE RAY. Quando servirem vinho de verdade, de Bordéus, você não sentirá o gosto, por causa do mijo na sua língua.

GUILLAUME DE GENÈVE. François! Mais respeito por *Messire* Drugeth; foi ele quem trouxe o vinho.

FRANÇOIS DE RAY. Drugeth? O perturbado que se gaba de ser capelão do duque? Conheço homens que abriram a barriga de mais de uma grávida e são mais santos que este Drugeth!

GUILLAUME DE GENÈVE. Muito diferente dos outros clérigos, é verdade... Mas é um ótimo anfitrião!

FRANÇOIS DE RAY. Aquilo é a espécie mais traiçoeira de lobo. Envergonha a Santa Sé um clérigo desses.

GUILLAUME DE GENÈVE. Ah, François... Ah, François!

FRANÇOIS DE RAY. Por que está rindo, *Messire* Guillaume?

GUILLAUME DE GENÈVE. Você está com inveja de *Messire* Drugeth.

FRANÇOIS DE RAY. Eu?

GUILLAUME DE GENÈVE. Porque meu pai não indicou teu irmão para bispo.

FRANÇOIS DE RAY. Não sei de onde tirou isso, *Messire*. Nunca pretendi que meu pobre irmão Étienne, o usurário, se tornasse bispo!

GUILLAUME DE GENÈVE. Além disso, Drugeth é da Igreja, portanto come bem; mas ao mesmo tempo se diverte como os guerreiros.

FRANÇOIS DE RAY. Ingenuidade sua, *mon enfant*! Quem serve a dois deuses pensa que tem lucro, mas apenas duplica a ira sobre a própria vida.

GUILLAUME DE GENÈVE. Ainda acho que está com inveja.

FRANÇOIS DE RAY. Pois vou te contar algo.

François podia ser um mui leal e galhardo cavalheiro, mas mexerico era sua especialidade.

GUILLAUME DE GENÈVE. O que é?

FRANÇOIS DE RAY. Sabe por que Jean Drugeth se tornou capelão do duque?

GUILLAUME DE GENÈVE. Porque meu tio quis...

FRANÇOIS DE RAY. Porque sua tia quis. Drugeth se aproveita das confissões para passar a mão nela.

GUILLAUME DE GENÈVE. Você está louco, François?!

FRANÇOIS DE RAY. Já foram feitos mil pedidos para o duque dispensá-lo. Mas a vil duquesa intercede pelo amante.

GUILLAUME DE GENÈVE. Não acredito... Se assim fosse, Drugeth estaria agora no castelo de Bourbon, sozinho com a duquesa.

FRANÇOIS DE RAY. Disseram-me que *Monseigneur* Jaques exigiu a presença de Drugeth.

GUILLAUME DE GENÈVE. E como você sabe do caso?

FRANÇOIS DE RAY. Venho para cá todo semestre, não se lembra? Para visitar minha irmã em Moulins... Por isso *Monseigneur* seu

pai me enviou contigo. Mas é uma suspeita geral, esse caso da duquesa. E eu sei que é verdade por causa dos antecedentes.

GUILLAUME DE GENÈVE. Antecedentes? Ou são outras *suspeitas* suas?

FRANÇOIS DE RAY. A traiçoeira família Drugeth, *Messire* Guillaume! Pergunte a qualquer viajante do *Mare Nostrum,* nos cais da Marselha. Cometeram horrores na Hungria, depois de roubarem terras por lá... E o pior: com a benção do velho papa Clemente. Pode ter certeza, a maldição dos templários está sobre eles!

Apressadamente os dois se persignaram.

GUILLAUME DE GENÈVE. Mas me diga François: que grande família não é sanguinária? Aposto que *Messire* Jean Drugeth tem orgulho desses antecedentes.

FRANÇOIS DE RAY. Também os capetos tinham orgulho de suas maquinações diabólicas. Hoje quem fala neles?

GODEFROY DE MONTMIRAIL. Alguém falou em diabo?!

O inconfundível Godefroy de Montmirail surgiu de repente. Estranhamente, suas grevas de aço não fizeram barulho na relva ensopada da colina. Dali se tinha uma visão razoável dos vilarejos e do casarão do barão de Montluçon. Via-se o rio descendo sereno, aos poucos, embora a neblina ocultasse sua verdadeira extensão.

GODEFROY DE MONTMIRAIL. O duque convocou nosso menino para o conselho de guerra! Adiante, valentes, mexam-se... Vamos lá assistir a uma *chuva* de verdade, que esta aqui está muito fraquinha.

***

Uma barraca apertada. Ombro a ombro, homens de importância, em volta da admirável mesa de carvalho. Sobre a mesa, um extenso pergaminho, firmado nas bordas por manoplas. Nele figuravam inscrições cartográficas, a que alguns entendiam e outros fingiam entender.

Estavam ali: o duque Jaques de Bourbon; o marechal Jacques d'Artois, conde titular de Artois; o cavaleiro Henri Chatenois, conde titular de Saintois; o capelão Jean Drugeth, irmão do duque de Ungvar; o cavaleiro Guillaume de Genève, filho do conde de Genève; o mordomo-mor Enguerrand, bispo de Guéret; o *prévôt* Louis de Moulins; os cavaleiros Godefroy de Montmirail, Pierre de Bois-Guilbert, Leclerc de Créssay e François de Ray.

HENRI CHATENOIS. O rabo do exército já está molhado! Daqui a pouco as coxas estarão molhadas... E o focinho também! E aí afogamos!

JACQUES D'ARTOIS. Vamos voltar para terra firme a tempo, *Monseigneur* Chatenois. Pode ficar sossegado.

HENRI CHATENOIS. A tempo? Um só? Há tempos estamos parados, marechal! Você trouxe os holandeses para cá com o pretexto da vantagem do terreno, e olhe só! Tocaiamos por semanas os desgraçados, observando de longe enquanto queimavam a terra, assassinavam os lavradores... Para então armarmos batalha num prado qualquer, sem qualquer característica que nos favoreça –ou melhor: encharcado exatamente como a terra natal daqueles bestas! Que plano, *Monseigneur* d'Artois!

JACQUES D'ARTOIS. Aqui temos linhas de suprimento invejáveis, venerável Henri.

HENRI CHATENOIS. Por favor, marechal... Os cofres do ducado nos garantem suprimento em todos os cantos da França!

JACQUES D'ARTOIS. Exage-

ENGUERRAND. É verdade, o ducado é rico!... Louis de Bourbon comprou a Grécia por 40 mil libras esses dias mesmo!

JAQUES DE BOURBON. Eminente bispo, isso faz quase 30 anos.

ENGUERRAND. Passou rápido!

JAQUES DE BOURBON. E a compra foi cancelada...

ENGUERRAND. Cancelada?! É impossível! *Monseigneur* Louis de Bourbon passou seus últimos dias na pousada grega, eu me lembro bem!

JAQUES DE BOURBON. Você estava em Paris com ele comprando bugigangas três dias antes de sua morte, *Monseigneur* Enguerrand.

ENGUERRAND. ....Será possível?

LECLERC DE CRÉSSAY. Meu irmão mais velho conheceu Louis de Bourbon melhor que ninguém! Já ouviram aquela história do alce, durante a caçada, quando-

PIERRE DE BOIS-GUILBERT. Seu irmão não tinha morrido afogado, Leclerc?

LECLERC DE CRÉSSAY. Não, não... Esse foi o filho de minha pobre tia que veio morar conosco na época da fome.

PIERRE DE BOIS-GUILBERT. A que passou a perna no seu sogro?

LECLERC DE CRÉSSAY. Não, essa se mudou para a Saboia; eu falo da outra, que vivia se relando com os ferreiros e depois caiu na miséria...

PIERRE DE BOIS-GUILBERT. Castigo de Deus!

LECLERC DE CRÉSSAY. Sem dúvida, mas não confunda com aquela outra tia que é, na verdade, tia de meu irmão, mas não é minha tia, porque era irmã de minha velha madrasta... E sempre ficava por perto nas aldeias, com seus docinhos –obras-primas da confeitaria, você deve os conhecer, Pierre!

PIERRE DE BOIS-GUILBERT. Eu os conheço! Naquele dia em que a sua tia rouca escorregou no alpendre, eu provei uns vinte de uma vez, que tinham trazido para a coitada.

LECLERC DE CRÉSSAY. Pobre tia essa também! Até hoje está com um graveto na pern-

HENRI CHATENOIS. Vocês dois enfiem essas tias num baú e não mexam a boca daqui em diante!.... *Monseigneur* duque, eu repito que suprimentos nunca foram um problema. A prosperidade dessa terra é histórica e vem desde o tempo dos Archaumbault, os antigos condes de Bourbon. A menos que nosso *brilhante* marechal se torne administrador das contas, ainda temos recursos para guerras por duas ou três gerações!

JACQUES D'ARTOIS. *Monseigneur* Chatenois não percebe nossa real vantagem, nobre duque. Temos os holandeses em nossa mão, como um pedaço de carne no garfo, e podemos força-los a ir aonde quisermos. Basta manusear o garfo corretamente. Veja, *Monseigneur* duque... essa linha tracejada de vermelho sobre o mapa... É a rota dos comerciantes que viajam do Limousin para a Champanha todo verão. É estrada de primeira qualidade, que se divide em duas vias nas fronteiras norte e sul do ducado, ligando todo o sudoeste francês ao coração da Borgonha.

JACQUES D'ARTOIS. O controle dessa rota e de todo o eixo nela inscrito é indispensável, pois facilita a manutenção do exército e acelera os movimentos. Os holandeses precisam cruzar três rios cheios antes de alcançarem a estrada Francígena, que corta verticalmente a fronteira oriental da França. É a única forma que eles possuem de escoar mantimentos do ducado da Holanda para o sul francês. E mesmo que consigam alcançar essa estrada, dependem de casualidades para que efetivamente tenham os suprimentos em mãos: a bondade de barões locais pouco confiáveis... uma trégua dos brigantes que infestam a região... e a resistência física das montarias.

JACQUES D'ARTOIS. Os holandeses tentaram por semanas retomar trechos da rota do Limousin, em especial a faixa sul. Rondaram todo o condado de La Marche a fim de nos induzir a dividir o exército, para nos dispersar. Sem dúvida, a destruição das lavouras, das colheitas e do gado leiteiro foi lamentável. Mas confirma o desespero do adversário, que perdeu dia após dia boas expectativas e reconheceu a inutilidade de qualquer estratagema. Agradeço a *Monseigneur le duc de Bourbon* a confiança depositada em mim, mesmo diante da impaciência de *alguns*.

JAQUES DE BOURBON. Nunca duvidei de sua habilidade, meu jovem primo d'Artois. Continue sua exposição –e não o interrompa, nobre Henri.

JACQUES D'ARTOIS. Há cinco dias recebi a notícia de que pequenos grupos de holandeses montavam emboscadas na floresta. Para mim, ficou claro que se tratava de uma distração, com o intuito de nos atrasar com escaramuças enquanto a parte principal do exército se despedia. Ordenei o deslocamento das levas do Lusignan para o norte, de modo que se os holandeses fugissem para Bourges, tivessem de enfrentar primeiro 500 homens bem posicionados. Nossos inimigos perceberam o cerco e recuaram para cá, nas redondezas de Montluçon. Há três dias, a chuva recrudesceu e eles perderam mobilidade. Estão condenados a perecer nesta campina, *Monseigneur*. Envolvidos em outros combates, nunca tiveram a intenção de nos enfrentar frente a frente e agora não têm saída. Tenho absoluta certeza, bom duque, de que o moral do exército holandês está erodido!

JAQUES DE BOURBON. Isso é muito bom, marechal.

HENRI CHATENOIS. Eu não vejo nenhum ganho com isso!... Onde já se viu? Canalhas daquele tipo têm alguma moral? Sempre foram imorais e covardes!

JACQUES D'ARTOIS. É evidente que não me refiro à moral de conduta, Chatenois...

LOUIS. Não distorça as palavras de *Monseigneur le maréchal* com seus gracejos, pobre Henri!

HENRI CHATENOIS. Nesse falatório todo, não vejo uma vantagem sequer! O jovem marechal pode ter as vistas melhores do que

a minha, que tenho três vezes sua idade!... Mas está enxergando fantasmas... Seria a mesma coisa se estivéssemos na Flandres, com a diferença de que nosso bom duque já teria pisado em suas terras reclamadas –uma honra que até agora foi adiada pelo marechal!... E você, *prévôt* Louis! Olha como se dirige a mim e me respeite... ou não me chamo Henri III de Santois!

LOUIS. Se chama mesmo, mas só no nome! Por ventura você trata *Monseigneur* Jacques d'Artois com as dignidades que o são devidas, de conde de Artois?!

HENRI CHATENOIS. Não confunda espinafre com beterraba, pobre *prévôt*! Um é verde e o outro é roxo! Eu fui senhor *de facto* de Saintois, por herança de meu pai, por 40 anos, até me roubarem meu condado! Já d'Artois... Faz gerações que sua família perambula pela França, destituída de seus feudos. O marechal provavelmente nunca pisou lá!

JACQUES D'ARTOIS. Já pisei sim, *Monseigneur* Chatenois. E eu poderia expor uma dúzia de razões pelas quais reivindico o condado de Artois, hoje usurpado pelos borguinhões. Porém este não é nosso assunto aqui.

JAQUES DE BOURBON. Exatamente, bons senhores. Estamos aqui para discutir a ordem de batalha. E para que não pense que favoreço *Monseigneur* d'Artois, amado Henri... asseguro a você que continuo reconhecendo sua herança e que auxiliarei *sua linhagem* a reconquistá-la.

Chatenois abaixou a cabeça, pouco satisfeito. Nessa época, o duque Ferry IV da Alta Lorena governava pessoalmente o condado de Saintois. Atacá-lo significaria para Bourbon uma guerra difícil, contra

uma liga de vizinhos beligerantes que incluía os ducados de Milão e Brunsvique. Talvez no futuro fosse mais plausível, mas então já não seria Henri Chatenois e sim seus descendentes os beneficiários.

Esse era, claro, o pensamento do duque –que Henri não duraria muito tempo. Por brincadeira do destino, dentro de um ano o duque Jaques estaria enterrado e o sexagenário Henri vivo como nunca.

JACQUES D'ARTOIS. *Monseigneur* Chatenois está enganado ao comparar Montluçon aos pântanos da Flandres. Há quase meio século, nossos melhores cavaleiros pereceram no meio de lama e estacas, surpreendidos por tecelões. Em Courtrai, meu bisavô Robert sucumbiu à impaciência dos escudeiros e ordenou um ataque precipitado. A lagoa criada pela chuva enfraqueceu a carga e os piqueiros flamengos, protegidos por cavaleiros desmontados, se sobressaíram. Morreram ali inúmeros nobres franceses, inclusive um d'Artois...

HENRI CHATENOIS. Eu me lembro bem disso, marechal! Foi na mesma época em que herdei o condado de Santois. Em verdade, você conhece a história por ouvir falar, pois ainda não era nascido, mas eu a testemunhei... De toda forma, marechal, suas conclusões são frouxas. Em pelo menos outras duas oportunidades, naqueles mesmos charcos, nossa cavalaria esmagou os artesãos fedorentos. Sua família é que não tem sorte com os flamengos!

JACQUES D'ARTOIS. Isso não é verdade, Chatenois. Estaríamos nos arriscando sem necessidade se lutássemos em temporada de chuva na Flandres. Por aqui o aguaceiro pode ser facilmente escoado pelas trincheiras, que tivemos tempo o bastante para cavar –uma facilidade negada aos holandeses. E o relevo também

nos é favorável, pois o rio transborda primeiro na ponta norte da campina, onde eles armaram suas tendas. Na Flandres, com os diques propositalmente rompidos para nos prejudicar e sem o controle de qualquer rota, ficaríamos semiestáticos, incapazes de explorar novas posições ou impedir a aproximação de reforços inimigos.

HENRI CHATENOIS. Então o que você está esperando, Jacques d'Artois?! Que o rio nos atrapalhe, de forma que tenha nova desculpa para protelar a batalha? A correnteza já está alta o bastante. Estamos às portas do ducado, temos todos os recursos em nossas mãos e ainda não atacamos. Por quê? Nosso marechal sabe de algo que não sabemos, por acaso?

JAQUES DE BOURBON. Basta de insinuações por hoje, Henri Chatenois!...

JACQUES D'ARTOIS. Só ordenarei o ataque quando tiver certeza de que cada flanco está completo e em sua devida posição. Preciso de mais dois ou três dias para isso, pois parte das levas do Lusignan e de Moulins ainda não chegou. Esta será uma batalha exemplar... organizada minuciosamente, de acordo com as metas de gastos e baixas que estabeleci no início da campanha, junto a *Monseigneur* bispo, nosso mordomo-mor. Fui condecorado como marechal e me responsabilizo perante *Monseigneur* de Bourbon por tudo, tudo que ocorrer.

Silêncio. O conde de Saintois fitou com desprezo o mapa rústico obtido pelo marechal. Saiu da tenda seguido pelos seus dois escudeiros, Pierre e Leclerc, e pela fragrância de cinismo tão associada a si.

HENRI CHATENOIS. Batalha exemplar... Esses moleques idealistas ainda não me conhecem, Leclerc!... Tragam-me aquela vagabunda até as pias atrás da cozinha. Lá faz barulho o bastante para nenhum xereta escutar...

Uma espiã judia, a serviço dos holandeses, fora capturada pelos capatazes de Chatenois num beco de Moulins, depois de identificada numa escaramuça pela floresta. Levaram-na para o conde, que a escondeu numa estalagem suja perto do arraial de Bourbon, a fim de que fosse útil no momento propício.

***

Pierre e Leclerc demoraram cerca de quinze minutos para trazer a espiã aonde Henri indicara. Não surpreendentemente, a mulher ofereceu resistência a ser enfiada no saco e jogada na carroça, debaixo de pencas de alface.

HENRI CHATENOIS. Vocês dois foram fabricar a dama, é?!... Bem, e você, minha linda, não quer prestar um favorzinho pro vovô? Vamos lá, vira essa bochecha magrela pra cá e preste atenção! Eu sei que você conhece o conde van Sulzbach e o “entusiasma” de vez em quando. Tenho uma mensagem pra ele.

ESPIÃ. Vá pro inferno, velhaco!

HENRI CHATENOIS. Tapa essa boca dela enquanto eu falo, Pierre!

Grunhido abafado.

HENRI CHATENOIS. Isso, obrigado... Menina, você sabe que eu poderia exigir qualquer coisa de você pelo preço de não te denunciar como bruxa, não é?

Grunhido mais feroz.

HENRI CHATENOIS. Usurária e espiã, duplamente digna da fogueira. Mas eu sou um senhor bondoso. Vou te dar 15 libras, minha linda, para assegurar que você não se lembre de meu rosto...

Grunhido manso.

HENRI CHATENOIS. Pode largá-la, Pierre.

ESPIÃ. Eu aceito. O que tenho que falar?

HENRI CHATENOIS. Aqui está o papel. Entregue para van Sulzbach, que ele saberá ler. Você nunca esteve aqui e nunca me viu. Diga que conseguiu a informação com um pajem de Jacques d'Artois, em troca de *serviços*.

No pedaço de pergaminho, escrito:

"*Ao pôr do sol, daremos um banquete na colina. Não haverá sentinelas na campina. Aproveite a neblina."*

HENRI CHATENOIS. Os besteiros estão atirando em qualquer matéria viva que atravesse a estradinha aberta na floresta; não passe por lá. Leclerc vai te arrumar um capuz longo e um pivete para te acompanhar. Você atravessará o rio onde os aldeões têm o costume de passar... e seguirá pela margem. O desgraçado do despenseiro do duque é um bicho astuto, mas vamos dar um jeito de distraí-lo enquanto você atravessa. Rume com o menino para o norte, para dar impressão de que vai apanhar amoras. Quando você sumir do campo de visão do despenseiro, mande o pivete voltar discretamente. Daí você corre em direção às colunas de fumaça. Vai demorar muito mais do que o caminho da floresta e ainda terá de atravessar novamente o rio ao final, mas ao menos chegará viva.

ESPIÃ. E se me pegarem? Irão me violentar... e depois que virem o papel irão me torturar até te entregar.

HENRI CHATENOIS. Não me venha com essa historinha, judia. A única coisa que você vai entregar é a porcaria da mensagem. E não pense em me chantagear depois.

ESPIÃ. É o que eu vou fazer se você não me arrumar um caminho mais seguro.

HENRI CHATENOIS. Não será preciso. Se você for bem sucedida, vou te dar um prêmio de verdade.

LECLERC DE CRÉSSAY. Com certeza, *Monseigneur*!

HENRI CHATENOIS. Calado, sua mula!

ESPIÃ. Não se irrite, Henri Chatenois. Eu acredito em sua promessa, se me der as 15 libras agora...

HENRI CHATENOIS. Leclerc, dê a bolsa a ela... Quer dizer... Como infernos você sabe meu nome, sua cachorra?! Algum desses pacóvios deixou escapar?

ESPIÃ. Segredo...

HENRI CHATENOIS. Me diz logo ou não vai ter língua pra dizer depois, prostituta!

ESPIÃ. Seu primo Ferry, que te tomou o condado. Me pagou para te vigiar uns tempos atrás.

HENRI CHATENOIS. Desgraçado!

***

Tenda do duque.

JAQUES DE BOURBON. Eu não duvido de sua capacidade, querido sobrinho. Você foi educado pelos melhores tutores da Saboia e tem sido frequentemente louvado por sua mãe. Mas, verdade seja dita, as tropas são minhas e os custos também. Você tem certeza?

GUILLAUME DE GENÈVE. Tenho sim, bom tio. Os senhores ficarão aliviados assim que eu desembainhar a espada!

JAQUES DE BOURBON. Neste caso lhe concedo um dos flancos. Não há volta, não é, marechal?

JACQUES D'ARTOIS. Sim, *Monseigneur*. Se *Messire* Guillaume insiste tanto, dar-lhe-emos o estandarte ducal para liderar mil e oitocentos homens, aí incluída parte da cavalaria pesada.

LOUIS. Homens de muito *valor*...

JACQUES D'ARTOIS. De muito valor, *Messire* Louis. Renomados em todo o reino. Será-me um orgulho conduzir a carga central.

LOUIS. Não só os cavaleiros, caro marechal... A infantaria está armada com aço invejável... Cada couraça tem o preço de um corcel de raça. *Messire* Guillaume de Genève é jovem demais para se encarregar dessa responsabilidade. Deixe-o na retaguarda ou onde os holandeses estiverem mais desfalcados.

GODEFROY DE MONTMIRAIL. Pelo contrário, respeitável *prévôt*! Guillaume já está velho demais para sua iniciação na arte da carnificina... Na verdade, acho que nosso visitante deveria ser o primeiro a atacar, onde quer que a festa esteja mais *quente*!

FRANÇOIS DE RAY. *Monseigneur le comte de Genève* ficaria orgulhoso!

GUILLAUME DE GENÈVE. Eu aceito a honra, amado Montmirail! O fôlego da juventude me protegerá!

LOUIS. O espírito combativo de vocês é perfeito para o campo de batalha... Mas eu, como homem de negócios, tenho os pés no chão e a sensatez na cabeça. *Monseigneur* duque deveria pesar melhor os riscos. Se esse garoto realmente for à linha de frente, no mínimo será capturado.

GODEFROY DE MONTMIRAIL. Vire essa boca pra lá, *prévôt*! Ouviu o que ele disse, *Monseigneur* bispo?

ENGUERRAND. O quê?!

GODEFROY DE MONTMIRAIL. Que o menino será capturado!

JAQUES DE BOURBON. Esse tipo de temperamento pessimista deve ficar guardado aqui, querido Louis.

GODEFROY DE MONTMIRAIL. Nós comandantes, o clero... passando os diabos para levantar o ânimo das tropas... Aliás... Não quero dar razão ao pobre Chatenois, mas as fileiras já estão irrequietas! Por toda a França os aldeões estão colhendo, inclusive em Bourbon... E não há homens de pulso para fiscalizar a safra, arrecadar o que é devido. Por quê? Porque estão em campanha. Eu tenho certeza! os camponeses estão nos rouban-

JACQUES D'ARTOIS. Esse é o menor dos riscos de uma guerra, *Messire* de Montmirail.

GODEFROY DE MONTMIRAIL. Sim, sim, *Monseigneur* d'Artois... E... Como eu estava dizendo, nós nos esforçando para recobrar o vigor, a potência espiritual de nossos jovens, e *prévôt* Louis fala uma coisa dessas!...

LOUIS. Prometam à soldadesca uma semana com muito vinho em Bordéus e o ânimo voltará. Bem, eu estou legitimamente preocupado com a segurança de nosso nobre sobrinho. Os treinos fechados com um ou dois adversários, as justas, as cavalgadas, os golpes de madeira gasta... Nada disso se aproxima da realidade. Lanças atrás, na frente e nos lados; não se sabe de que lado está quem; num momento você se torna o alvo principal de cinco brutamontes e precisa recuar. Um rapaz inexperiente, em sua primeira batalha, com complexo de herói? Recuar? Eu repito: no mínimo, capturado.

O bispo Enguerrand meneou positivamente.

GODEFROY DE MONTMIRAIL. Com o quê você está concordando, bispo?! *Messire* Louis nitidamente nunca esteve em combate. Fala por preconceitos, por rumores... Viu uma dúzia de estocadas a distância e pensa que é autoridade. Eu já participei de vários *bailes*, caríssimos, e posso garantir que é tudo muito mais fácil do que parece! Basta soltar o quadril e dançar!

ENGUERRAND. Se o bom garoto se perder dos escudeiros no campo de batalha, corre o risco de ser degolado...

François se persignou com veemência impressionante.

GODEFROY DE MONTMIRAIL. Exagero, *Monseigneur* Enguerrand! Não conheço cavaleiro, o mais vil que seja, que execute esse distinto moço. É um gordo resgate, uma troca justa por qualquer

outro prisioneiro. Você está delirando, bispo, e não só isso: está desprezando a honra da cavalaria!

ENGUERRAND. Oh, ingênuo guerreiro... Desde que os d'Anjou, nossos primos educados com o mesmo esmero que nós, executaram o nobríssimo e moço rei de Jerusalém, perdi a fé na honra da cavalaria.

GODEFROY DE MONTMIRAIL. Histórias do velho século! De lá para cá, muito mudou. O senhor bispo está sendo injusto com as novas gerações e comigo, que nelas me incluo!

LOUIS. De fato o bispo está sendo injusto... mas com as velhas gerações! Hoje em dia está pior!

GODEFROY DE MONTMIRAIL. Diz isso na minha cara, cafajeste! Chegue aqui desse lado, seu fraco!

O duque se ergueu para segurar Montmirail, todavia não foi necessário; o grave marechal já se interpusera no caminho.

JAQUES DE BOURBON. Eu proponho que *Messire* Guillaume esteja na linha de frente... e que *Messire* Godefroy e seus homens o acompanhem, jurando permanecer ao seu lado continuamente. Godefroy defendeu a aventura do garoto nessa mesa; defendê-la-á também no campo de batalha.

GODEFROY DE MONTMIRAIL. Submeto-me à masmorra pelo resto dos meus dias se por ventura falhar nessa missão! Nosso menino é o único herdeiro de seu pai e merece uma proteção decente –a escolha de *Monseigneur* foi exata.

JAQUES DE BOURBON. Assim espero. E você, Drugeth? Pronuncie-se acerca da sabedoria ducal.

JEAN DRUGETH. Estou de acordo, bom duque. O conde mandou Guillaume para cá com uma razão clara. Colocar o rapaz pra assistir badernas de longe seria desperdício. No centro do combate, ele terá o que veio buscar... Apenas acho que Guillaume não deveria inaugurar a batalha. Os piqueiros de Satanás estarão descansados e atentos durante a primeira carga.

JACQUES D'ARTOIS. É verdade. Estou quase certo de que irão repelir a cavalaria por pelo menos duas ou três cargas. Se *Messire* Godefroy ficar preso, não poderá guiar Guillaume para uma zona de segurança.

GODEFROY DE MONTMIRAIL. Isso não irá acontecer, marechal. Gravetos não seguram meu cavalo.

JACQUES D'ARTOIS. Temo que sejam gravetos muito ardilosos, Godefroy. De toda forma, recomendo a presença de *Messire* Guillaume na segunda carga, a partir do flanco direito, onde a infantaria caseira do duque está mais presente –o mais perto possível do moinho, de onde nossos atalaias poderão enxergar o rapaz com mais facilidade. Qualquer recrudescimento no confronto por lá será comunicado pelo estandarte dourado.

JAQUES DE BOURBON. Assim será feito.

JACQUES D'ARTOIS. Também posicionarei os lanceiros no flanco direito, próximo ao rio, onde eles formarão uma meia-lua para proteção da infantaria pesada, caso os holandeses tentem nos surpreender enviando a cavalaria para lá. Serão, na verdade, duas meias-luas, identificadas por estandartes roxos, conectadas uma à outra pelas extremidades, de forma a criar um grande círculo, dentro do qual os homens de arma se enfileirarão. Extinto o perigo de um ataque

montado, os lanceiros recuarão e seguirão preventivamente a infantaria. As fraldas roxas serão recolhidas, como sinal para o avanço da cavalaria do Lusignan, que estará esperando, sob o comando de *Messire* Guillaume, a oportunidade de prosseguir pelo flanco direito sem obstáculos.

GODEFROY DE MONTMIRAIL. E se os holandeses concentrarem seus cavaleiros no flanco esquerdo? Como os lanceiros ajudarão se estão todos no outro canto do campo de batalha?

JACQUES D'ARTOIS. São mil e duzentos homens a pé no flanco esquerdo, bravo Montmirail... esculpidos em aço formidável e donos de fibra inconfundível, recrutados diretamente nas barracas do duque, todos dispostos a segurar o que quer que seja, por horas se preciso for.

GODEFROY DE MONTMIRAIL. Vão precisar de algo mais que disposição, marechal! Perdoe-me, mas Vossa Graça está condenando esses miseráveis à chacina por causa de uma vaidade tática!

JACQUES D'ARTOIS. Capturar o general inimigo não é vaidade, *Messire* de Montmirail. Nossa cavalaria pesada partirá do centro e do flanco direito, imparável e ruidosa em direção às cores do conde van Sulzbach. Para isso, bastará que nosso flanco esquerdo segure a cavalaria inimiga e os espadachins do centro abram um caminho, estreito que seja, no coração holandês.

JACQUES D'ARTOIS. Deixem-me explicar algo: os holandeses simplesmente não possuem tropas para fazer oposição ao nosso flanco direito. Certamente deixarão lá alguns brigantes e moçoilas de La Marche, todos alistados à força, armados com *temíveis* varapaus,

foices, forcados e enxadas, em linhas tão bem feitas quanto as linhas que *Monseigneur* bispo desenha.

ENGUERRAND. Oh, marechal, minhas mãos tremem muito... Não são linhas bonitas de se ver...

JACQUES D'ARTOIS. Por isso mesmo, bom bispo. O que quero dizer é que nossos homens d'armas farão uma carnificina devastadora e veloz nas margens do rio, abrindo espaço mais que suficiente para os cavaleiros de *Messire* Guillaume flanquearem a guarda pessoal do conde holandês. Tendo em vista que do centro também virão meus cavaleiros e os de *Monseigneur* duque...

JAQUES DE BOURBON. Seus cavaleiros não, caro marechal... Apenas delegados a seu comando...

JACQUES D'ARTOIS. Sim, sim... Enfim, tendo em vista que van Sulzbach também enfrentará investidas do centro, e que seus melhores homens estarão amarrados ao caos do flanco esquerdo, o conde não terá outra saída que não render-se.

GODEFROY DE MONTMIRAIL. Você me convenceu, d'Artois!

LOUIS. De fato, foi uma boa opção esperarmos tanto para a batalha campal. Teremos baixas mínimas, venceremos em tempo recorde!

JAQUES DE BOURBON. É um plano louvável, *mon bon cousin*. Apenas gostaria de lembrar que o comando do flanco esquerdo, de evidente relevância para a batalha, ficará com *Monseigneur* Henri Chatenois...

JACQUES D'ARTOIS. Naturalmente.

JAQUES DE BOURBON. Você não possui reservas em relação a isso?

JACQUES D'ARTOIS. De forma alguma, bom duque. Tenho desavenças de ordem estratégica com Chatenois, mas conheço sua notável habilidade no combate a pé. A infantaria pesada do flanco esquerdo terá muito trabalho e, por isso, deve repousar nas mãos de um veterano.

LOUIS. Tem certeza, Jacques d'Artois? Aquele sujeito já está idoso e mal de vistas e não hesitaria em lhe prejudicar...

JACQUES D'ARTOIS. A idade não parece ter tolhido o vigor de Chatenois. Além disso, eu sou o marechal do exército. Se Chatenois me prejudica, prejudica a Bourbon. A partir daí, não se trata de inimizade para comigo, mas deslealdade para com *Monseigneur* duque. Estou certo de que nosso suserano não aceitará traições.

JAQUES DE BOURBON. Não tenham dúvidas quanto a isso. Bem, obrigado pela exposição, marechal.

O duque se põe de pé e os demais lhe acompanham, solenemente. O notário é chamado.

JAQUES DE BOURBON. O conselho de guerra escolheu seus comandantes de batalha: *Monseigneur le comte d'Artois*, *Monseigneur le comte de Saintois* e *Messire* Guillaume de Genève. Esta sessão está encerrada. *J'ai dit*.

Em fila indiana, os presentes abandonaram o pavilhão de panos escarlates. Jean Drugeth estacou, a um aceno do duque. Os dois se aproximaram, cochicharam algo entre si. Drugeth verificou se havia

alguém na entrada: dois guardas, de cócoras, ajudando o bispo de Guerét a encontrar um anel que caíra. Drugeth os enxotou e retornou.

JAQUES DE BOURBON. Finalmente! Que falatório longo!...

JEAN DRUGETH. Mais um minuto e eu pedia licença pra buscar um travesseiro.

JAQUES DE BOURBON. Minha cabeça está doendo, Drugeth... Dê-me boas novas.

JEAN DRUGETH. Madame sua esposa é irredutível.

JAQUES DE BOURBON. Eu disse “novas”...

JEAN DRUGETH. Estou falando sério, *Monseigneur*. Ela não vai ceder.

JAQUES DE BOURBON. Você não está tentando de verdade.

JEAN DRUGETH. Margareta não irá traí-lo pelo que quer que seja, duque.

JAQUES DE BOURBON. Então como me livrar dela?! Consanguinidade? Muito distante. Esterilidade? Temos três filhos –e eu não vou declará-los bastardos. Veneno?

JEAN DRUGETH. *Monseigneur*!

JAQUES DE BOURBON. Eu preciso de um divórcio, Drugeth!

JEAN DRUGETH. O senhor tem uma companheira amorosa, diligente, que lhe dá herdeiros e não conspira. Os reis de toda a Cristandade lhe invejam... e *Monseigneur* quer um divórcio!

JAQUES DE BOURBON. Você pensa que é capelão de Bourbon por causa de suas competências teológicas, Drugeth?! Eu te tirei das pocilgas e charcos húngaros e te pus na mais nobre das cortes da França, com um ordenado mensal exorbitante, para fazer uma única coisa... E você me falha?! Eu não lhe pago para discutir minhas razões, apenas para fazer o que mando!

JEAN DRUGETH. Tenha um bom dia, duque!

....

JAQUES DE BOURBON. Volte, Drugeth, me perdoe... Não, esqueça isso... Você sabe o quanto essa história me entristece. Não é a primeira vez que falo besteiras. Sente-se novamente, bom amigo...

JEAN DRUGETH. Continuarei insinuando pretendentes para madame sua esposa, mas tenho absoluta certeza de que o senhor se arrependerá de qualquer sucesso. Ela é pega com um rapaz nas câmaras ducais, *Monseigneur* reclama ao papa, dá um banho de óleo quente no infeliz, ganha fama de corno e se casa com uma preguiçosa ou assassina... É um ninho de desgraças, em que ninguém triunfa!

JAQUES DE BOURBON. A filha do Rei ainda não está prometida, Drugeth. Se eu me casar com ela, nossa família estará mais próxima dos Valois e da sucessão. Nenhum de nossos vizinhos ousará provocações, nem mesmo Saint-Gilles... Certamente é triunfo maior que estar casado com Margareta Reginar, a filha do infeliz duque de Brabant... que várias vezes já se recusou a firmar aliança de armas comigo... mesmo assolado por rusgas com os alemães. E que desperdício, Drugeth! Justo ele, *le duc de Brabant*, localizado numa belíssima posição de ataque aos holandeses... Eu sei o que ele teme,

você também sabe... Não quer franceses por lá. Teme ser o próximo. Oh, Drugeth, minha paciência já se foi há muito!

JEAN DRUGETH. Eu sou alguns anos mais velho que Vossa Alteza, *Monseigneur*... A juventude quer tudo no agora. Está pronta para derrubar uma amoreira viçosa que está fora de época para dar lugar a uma amoreira avarenta que tenha uma ou duas amoras roxinhas. E seus filhos, bom duque? O que eles pensarão de você quando tiverem idade, sabendo que por picuinhas políticas substituiu a amada mamãe por uma madrasta arrogante, mais nova que eles?

JAQUES DE BOURBON. Assuntos de Estado, Drugeth, estão acima de sentimentos pessoais. Assim se pensava na grande Roma, assim se deve pensar hoje!

JEAN DRUGETH. Os romanos eram desprezíveis e inescrupulosos, *Monseigneur*. Não queira os imitar.

Silêncio prolongado. Olhares constrangidos. O duque se levanta e coloca as mãos nos ombros do capelão.

JAQUES DE BOURBON. Amado amigo, perdoe-me por minhas explosões. E prossiga, prossiga com sua *rede de amantes*, que um dia, você verá, meus próprios filhos agradecerão. Vá e descanse, teremos uma bela batalha em breve.